

Reencarnação: impossibilidade metafísica!

Rafael Teixeira do Nascimento - graduado em História pela UFF



Reencarnação

1.Origem: No mundo cristão, essa discussão se inicia com o apologeta Orígenes de Alexandria (c.185-253), nascido em um ambiente de forte cultura helenística e com seu pensamento teológico ao qual adaptou idéias e terminologia neoplatônicas. Existe neste autor o termo *Apocatastasis*, que designa a restauração final de todas as coisas em sua unidade absoluta com Deus e representa a redenção e salvação final de todos os seres, inclusive os que habitam o inferno [De Principiis, III, 6,4]. Causa, à doutrina cristã, esse conceito, um problema: põe em xeque a divindade de Cristo e toda a doutrina da Santíssima Trindade. Mas não parece correta a afirmação de que tenha criado ou admitido uma doutrina da transmigração das almas, como se diz, uma vez que afirma sertotalmente alheia à Igreja de Deus, não ensinada pelos Apóstolos e não sustentada pela Escritura [ComMat, XIII, 1, 46-53]. Mas toda a questão realmente se inicia com seus seguidores, chamados origenistas, uma corrente de monges pouco versados em teologia, mas assaz intransigentes [Pergunte & Responderemos, 145, 1972. p.25] que professavam a preexistência das almas, a salvação universal (apocatástase), uma concepção hierárquica da Trindade e a transmigração das almas. Mas de modo algum esse pequeno grupo que se restringia à palestina correspondia à opinião da Igreja, nem a do Ocidente, nem a do Oriente.

2. Atualidade: a) O Espiritismo foi fundado em 1854, com a Publicação, na França, do *Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec [1804-1869], que o dizia escrito sob o impulso e direção do Espírito da Verdade, que se identifica como o Consolador Prometido, conforme se lê no Evangelho de S. João Capítulo 14, versos 16 e 17. Mas não se limitou a ele, e logo muitos escritores deram prosseguimento à chamada terceira revelação, como o também francês Leon Dennis [1846-1927]. Aqui no Brasil, no século XX, foi com Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier/ 1910-2002) que essa doutrina alcançou uma divulgação ainda maior, se ampliando pela revelação de novos aspectos. O termo não dá margem a equívocos: após a morte, a alma segue, de acordo com sua vida na matéria, ou para o umbral, lugar de sofrimento e submissão a espíritos inferiores ou para colônias espirituais, onde os espíritos desencarnados são tratados, recompostos e ordenados a uma outra encarnação [KARDEC. LE. 2, IV, 166a], em um outro corpo material, na Terra onde, ou expiarão suas faltas (cometidas em vidas anteriores) [LE. 3, X,

847] ou, revestindo-se de um caráter missionário. b) Alguns autores espíritas insistem em ver nas Escrituras a presença e a aceitação da tese da reencarnação. Muito usados são os trechos constantes em Mt 17, 10-13 e em Jo 3,3. No primeiro, D. Estevão Bettencourt, OSB, afirma haver entre os judeus a crença de que Elias era o mediador entre Israel e Deus, inspirando seus mestres (rabinos) e que deveria voltar à terra para revelar e ungir o Messias (Mt 3, 23-24). É claro que se trata do espírito (do ânimo, do temperamento) de Elias. O segundo trecho é muito mais grosseiramente empregado. A tradução se alguém não nascer **de novo**, não poderá ver o Reino de Deus é incorreta para o termo *ánothen*, que a Bíblia de Jerusalém traduz com do alto: um renascer espiritual oferecido pelo batismo. Por tanto, é forçoso dizer, não pertence nem ao Judaísmo, nem ao Cristianismo essa doutrina, que foi anatematizada como heterodoxa.

3. Análise: a) Ontológica: A partir da doutrina do Aquinate podemos dizer que a alma é forma do corpo [De anima, a8,c] e sua única forma substancial [STh I,q76,a4,c]. Forma, segundo o Aquinate, é aquilo que constitui qualquer espécie [II Met. Lec4,n.320] e que é anterior à matéria [VII Met.Lec.2,n.1278]. Pode-se dizer que o que faz uma coisa ser o que é, não é a sua matéria, mas aquilo que os antigos chamaram de essência, forma. A essência de alguma coisa viva é a própria vida. Assim, pode-se dizer que vida é forma, a que se deu, na Antiguidade, o nome de *psiqué*, *anima*, alma. Por ser imaterial [STh I q75a5c; De anima, a6,c; CTh.III,84] e, portanto, não estando sujeita à corrupção como o corpo [CTh.III,84] e ainda, segundo seu modo, conservando toda a perfeição da matéria, pode-se dizer que a alma é superior, em natureza, ao corpo. Ora, mas tudo isso não quer dizer que o corpo possua, como afirmam os espíritas, um valor negativo e seja um degredo e sofrimento para a alma. Muito pelo contrário. O corpo (que é a expressão material figurativa da forma) tem importância para expressar o que uma coisa é. Seria um erro pensar de modo diferente. O que o homem é, é em razão da união entre corpo e alma; a alma não pode nunca ter a perfeição se não no corpo [In IV Sent.d49,q1,a4,qc1,c]. Daí S. Tomás afirmar que a alma humana é mais perfeita quando unida ao corpo do que separada dele [In IV Sent.d49,q1,a4,qc1,c]. E ainda que a alma humana não recebe seu ser de Deus, senão no corpo (...) [VII Met.Lec.2,n.1278; In II Sent d3 q1 a4 ad1]. De tudo isso se pode concluir pela radical impossibilidade da preexistência da alma [STh I q90 a4 sol; I q91 a 4 ad3 e 5; q118 a3 sol; In II Sent d17 q2 a2 sol; CG II c83-83; De Pot q3 a10 sol]: se a alma existe antes do corpo, para que ela vai se unir a ele para ser menor do que é? Ou de outro modo: Se Deus fez algo tão perfeito como a alma, para que a tornaria menos perfeita do que já era,

limitando-a ao corpo? E aqui vale uma reflexão de cunho moral: o sentido da vida deve ser procurado na própria existência atual. b) Antropológica: A liberdade é o fundamento de ordem metafísica da dignidade da pessoa humana. É perfeição própria do ser do homem, [FAITANIN, Paulo. *A análise do estatuto metafísico da dignidade da vida humana a partir da noção de liberdade em São Tomás de Aquino. n°2,2006.p.245*] e pela sua liberdade, o homem traça consciente e voluntariamente seu caminho e sua sorte. Ademais, Se o homem desconhece a que altura do seu roteiro espiritual se acha [segundo Kardec, o homem esquece, na vida presente, suas faltas na vida passada], não se pode orientar para o futuro, aproveitando da chance que lhe é dada em cada reencarnação. A sanção só se torna medicinal para quem sabe por que lhe é infligida. [Pergunte & Responderemos, 256, 1981.p8.] Por outro lado, por que o ato de ser é o que faz cada coisa nascer, emergir e aparecer no que é, ele se revela no ser de cada criatura como natureza. A existência de diversas naturezas supõe a diversidade dos modos como o ato de ser se realiza nas criaturas [FAITANIN, Paulo. *O mau como privação do bem em São Tomás de Aquino.n°2,2006.p.111*]. Se há uma enorme diversidade nas coisas não racionais que cercam o homem [Pergunte & Responderemos, 256, 1981.p9.], o mesmo se dá com este, cada qual dotado de sua individualidade própria (Idem). À tese reencarnacionista subjaz uma visão truncada, relativista e degradante do ser humano e eivada de preconceitos e materialista. Ademais, o pensamento segundo o qual uma deficiência equivale à expiação de faltas passadas (sendo o portador dessa deficiência um autômato sem liberdade [LE. 3, X, 847]) é causa de pecado e erro nos homens, levando-os a julgar o deficiente (mesmo que tácita ou irrefletidamente) como alguém que já houvera praticado atos injuriosos, fúteis, orgulhosos; que aja sido um egoísta e causador de sofrimento. A alma no homem pode não manifestar sua função mais nobre em razão de um problema psicológico ou fisiológico; entretanto, a alma continua sendo humana e continua tendo as funções que lhe dão sua excelência, dignidade e identidade com seu corpo: razão, liberdade e vontade. Um homem em estado vegetativo ou afetado por alguma anomalia ou qualquer outro distúrbio não perdeu sua função intelectual; somente sua função mais nobre não pode operar. O mesmo vale para o homem que não possui alguma parte. Não é um membro ou órgão que lhe dá o estatuto de pessoa humana, mas as suas faculdades mais nobres. c) Teológica: Assumir que a reencarnação é a maior expressão da justiça divina [LE. 2, II, 132; 2, IV, 171] é, de fato, não conhecer esta e pensar que Deus julga com critérios humanos. Ora, Deus nos fez livres, por que nos fez à Sua imagem e semelhança [Gn 1,26]; e assim nos fez, não para que O queiramos por obrigação, mas para que O amemos livremente. Ele nos dá tudo por amor e

quer por amor. De modo que nos impor qualquer bem, mesmo a salvação de nossa alma, o aniquila como Deus, pois anula em nós a nossa própria liberdade. Deus prefere a conversão do pecador à sua punição, pois o homem convertido a Ele sente em sua alma a necessidade de reparo de seus próprios erros e faltas contra Deus. A justiça divina não é uma lei matemática, como a lei de causa e efeito dos espíritos, que faz o pecado dos homens cair completamente sobre eles, a despeito da sua sincera conversão e mesmo da misericórdia de Deus, que é, para eles, imóvel diante de uma lei imparcial que ele mesmo haveria criado. Entretanto achar que uma lei que aponta para o homem um único caminho (mesmo que o da salvação) e o obriga, por vidas sucessivas, a fazer o bem e querer a Deus, não resolve a questão e causa, no homem, a anulação daquilo que definitivamente lhe dá sua excelência: a liberdade. Ai já não há justiça. Ai já não há Deus, mas sim uma ofensa grave à justiça divina e ao próprio Deus.

4. Conclusão: A tese da reencarnação parece ser atualizada nos tempos hodiernos e é causadora de uma visão truncada do ser humano e desagregadora da ordem social. Busca uma evolução espiritual que esconde por de trás de ações solidárias e filantrópicas, uma compreensão dualista da vida humana: alma e corpo se batem, um contra o outro; o corpo é o cárcere da alma e a morte é libertação dessa condição humilhante ao espírito. Por fim, basta dizer que tal tese adia para um futuro fantasioso e subtrai ao homem sua única e singular possibilidade de ser feliz e de salvação: que é agora; nesta vida; nesta terra; com este corpo. A compreensão exposta nos parágrafos anteriores devolve ao homem sua totalidade e sua dignidade. E assim, reafirma os argumentos em favor da tese da ressurreição dos corpos.